

EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR CRÍTICA EM UMA PERSPECTIVA TRANSVERSAL: COMPREENSÕES DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS

Vitória Maria Francisco da Silva¹
Cristiane Azevêdo dos Santos Pessoa²

Documento assinado digitalmente



CRISTIANE AZEVEDO DOS SANTOS PESSOA
Data: 21/10/2025 10:23:31-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as compreensões de docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental acerca da Educação Financeira Escolar Crítica (EFEC) e como promovem sua abordagem em sala de aula. Os objetivos específicos foram: compreender como docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental concebem a Educação Financeira e sua importância no processo educativo; Identificar práticas pedagógicas utilizadas por professores para integrar a Educação Financeira no currículo de maneira interdisciplinar; Investigar como os roteiros de aula produzidos expressam potencialidades para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia financeira dos estudantes. Para tanto, utilizou-se uma abordagem qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas e análise de roteiros de aula elaborados pelas professoras. Os resultados indicam uma diversidade de compreensões e práticas, bem como limitações formativas e estruturais que dificultam a efetivação de uma abordagem crítica e contextualizada. Embora alguns docentes adotem estratégias que promovem reflexão e vínculo com a realidade dos estudantes, a transversalidade e a criticidade ainda são incipientes, reforçando a necessidade de formações continuadas e políticas educacionais de apoio. Conclui-se que é necessário que as práticas sejam orientadas por intencionalidade pedagógica crítica, embasada teoricamente de forma consistente e que haja articulação transversal entre os saberes, para que a EFEC seja efetivamente trabalhada de maneira crítica e integrada.

Palavras chaves: Educação Financeira Escolar Crítica; Transversalidade; Interdisciplinaridade; Anos Iniciais; Prática Pedagógica;

Abstract

This research aimed to analyze the understandings of elementary school teachers regarding Critical School Financial Education (CSFE) and how they promote its approach in the classroom. The specific objectives were: to understand how early elementary school teachers conceive Financial Education and its importance in the educational process; to identify pedagogical practices used by teachers to integrate Financial Education into the curriculum in an interdisciplinary way; and to investigate how the lesson plans produced express potential for developing students' critical thinking and financial autonomy. To achieve these goals, a qualitative approach was employed through semi-structured interviews and the analysis of lesson plans prepared by the teachers. The results indicate a diversity of understandings and practices, as well as formative and structural limitations that hinder the implementation of a critical and contextualized approach. Although some teachers adopt strategies that foster reflection and connection with students' real-life contexts, transversality and criticality remain incipient, reinforcing the need for continuous training and supportive educational policies. It is concluded that pedagogical practices must be guided by a critical pedagogical intentionality, theoretically grounded in a consistent manner, and that there must be transversal articulation among different areas of knowledge so that CSFE can be effectively addressed in a critical and integrated way.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Email: vitoria.vmfs@ufpe.br

² Pesquisadora e professora da Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco. Email: cristiane.pessoa@ufpe.br

Keywords: Critical School Financial Education; Transversality; Interdisciplinarity; Early Elementary Education; Pedagogical Practice.

1. Introdução

A educação possui um papel fundamental de ampliar e facilitar o acesso a saberes e experiências, sendo o docente o responsável em mediar e auxiliar o educando na construção desses conhecimentos. É importante destacar que este profissional não deve atuar apenas como um transmissor de informações, mas como mediador ativo que estimula a reflexão e o desenvolvimento do pensamento crítico. Em um cenário marcado pela globalização, pelo consumismo e pelas desigualdades sociais, torna-se urgente e indispensável que a escola promova reflexões de forma crítica e integrada ao currículo sobre temas como sustentabilidade e práticas de consumo.

Nesse contexto, a Educação (EF), conforme estabelece a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), tornou-se obrigatória no currículo escolar, em uma proposta transversal e integradora. A EF, no âmbito das políticas públicas, possui um caráter predominantemente instrumental, com foco em práticas voltadas ao planejamento financeiro individual e a organização do orçamento doméstico. Já a Educação Financeira Escolar Crítica (EFEC) propõe uma ressignificação desse conceito, ampliando-o para além da esfera técnica e econômica, considerando dimensões políticas, sociais, éticas e ambientais, buscando formar sujeitos críticos, capazes de compreender e questionar as estruturas que organizam o consumo e as práticas financeiras da sociedade contemporânea (Santos, 2023).

Melo, Vieira, Azevedo e Pessoa (2021) defendem o trabalho da EF nos anos iniciais do Ensino Fundamental de forma transversal nas diferentes áreas de conhecimento e nos diferentes contextos. Partindo disso, entende-se que essa temática não deve ser exclusivamente trabalhada em uma disciplina específica, como, por exemplo, na disciplina da matemática, nem se restringir ao ensino do sistema monetário, mas, sim, integrada à práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento de competências críticas e cidadãs.

Nesse sentido, a EFEC configura-se, conforme Santos (2023), como um processo sistemático e gradual de formação, voltado à promoção da consciência crítica dos estudantes em relação às práticas de consumo da sociedade contemporânea. Essa abordagem considera não apenas aspectos matemáticos,

mas também fatores emocionais, éticos e ambientais envolvidos nas decisões financeiras.

No Brasil, essa temática foi incorporada à agenda educacional a partir de 2010, em parceria com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), órgão que busca promover internacionalmente o desenvolvimento econômico e social. Por meio do Decreto presidencial 7.397/2010 (Brasil, 2010), foi instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef), porém este foi substituído pelo Decreto 10.393/2020 (Brasil, 2020), que, além da Enef, instituiu o Fórum Brasileiro de Educação Financeira (FBEF). Se comparados, o decreto de 2020 prega uma EF mais mercadológica, voltada para setores da previdência privada e com menos participação da sociedade civil que o decreto de 2010. Cabe destacar que tais políticas estão alinhadas a um conceito de EF tradicional, e não diretamente a EFEC, cuja abordagem é mais crítica e cidadã. Diante disso, entendemos que a reformulação de 2020 concentra a EF em interesse no setor privado, reduzindo seu caráter formativo e crítico. Considera-se que essa orientação restringe o potencial da escola de desenvolver a EFEC, cuja proposta central é promover reflexões críticas sobre o consumo, desigualdades sociais e responsabilidade coletiva.

Apesar da relevância do tema, estudos como o de Rodrigues, Silva e Rodrigues (2021) evidenciam uma lacuna significativa no número de pesquisas sobre Educação Financeira voltadas para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa ausência de estudos é preocupante, sobretudo quando se considera que a BNCC orienta na unidade temática “Números”, que seja “um estudo interdisciplinar envolvendo as dimensões culturais, sociais, políticas e psicológicas, além da econômica, sobre as questões do consumo, trabalho e dinheiro” (Brasil, 2018, p. 269). Tal orientação reforça a importância de se investigar como a EF e, principalmente, a EFEC têm sido compreendidas e trabalhadas nas práticas pedagógicas, particularmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos quais se espera que se estabeleçam as bases para o desenvolvimento de uma consciência crítica e cidadã.

A escolha por investigar as compreensões de docentes nos anos iniciais, justifica-se pela importância que esses profissionais têm na mediação do conhecimento e na formação do pensamento crítico das crianças e na efetivação da EF no cotidiano escolar. A BNCC define diretrizes gerais, mas enfatiza a

necessidade de adaptá-las às realidades locais, respeitando a autonomia dos sistemas de ensino e as especificidades dos estudantes. Como destaca Sáristan (2013), o currículo é uma construção social e cultural que expressa interesses, valores e ideologias, não sendo, portanto, neutro. Assim, a maneira como temas como a Educação Financeira são incorporados ao currículo reflete visões de mundo e pode tanto aproximar como distanciar os conteúdos da realidade vivida pelos estudantes.

Diante do que foi discutido, o nosso objetivo é analisar compreensões de docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental acerca da Educação Financeira Escolar Crítica e como promovem a abordagem do tema em sala de aula. Os objetivos específicos desse estudo são: compreender como docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental concebem a Educação Financeira e sua importância no processo educativo; Identificar as práticas pedagógicas utilizadas por professores para integrar a Educação Financeira no currículo de maneira interdisciplinar; Investigar como os roteiros de aula produzidos expressam potencialidades para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia financeira dos estudantes.

2. Revisão de literatura

No presente capítulo apresentamos uma revisão de literatura com o objetivo de analisar pesquisas que abordam a Educação Financeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

2.1 ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA NOS ANOS INICIAIS

A revisão que segue busca analisar abordagens e pesquisas sobre a Educação Financeira nos anos iniciais.

A pesquisa de Assis, Santos Oliveira e Pessoa (2021) visa a compreender como futuros pedagogos aprendem sobre a Educação Financeira em seus cursos e como o tema é abordado pelos docentes em escolas dos anos iniciais. O estudo contou com a participação de 19 alunos da graduação em Pedagogia, todos já tendo passado da metade do curso, sendo 10 provenientes da rede pública e nove da rede privada de ensino superior, com objetivo de realizar um levantamento sobre

a presença da EF em seus currículos. Participaram também duas professoras que lecionam nos 4º e 5º anos de uma escola privada em Recife, Pernambuco, para entender as dificuldades em relação à implementação da EF nas escolas e sobre a formação na área.

Como método de coleta e produção de dados, as autoras utilizaram um questionário no Google Formulários para os estudantes da graduação, contendo o levantamento de dados pessoais, conhecimento da Matemática no curso, sua forma de ganhar dinheiro e como utilizam esse dinheiro. A pesquisa aponta uma lacuna significativa na formação de futuros educadores em relação ao tema, na qual os participantes relatam que não tiveram discussões profundas que promovam reflexões críticas sobre o assunto durante a graduação, o que compromete sua preparação teórica e prática. Além disso, muitos mencionaram falta de vivências familiares relacionadas à gestão de consumo. Ademais, apontam também, a insegurança para ensinar EF nas salas de aula. Como resultado, apenas sete participantes se consideram aptos a realizar a discussão com seus futuros alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Também foi observada a execução de um planejamento de EF durante oito aulas das professoras participantes, após o término das observações, realizou-se uma entrevista para investigar as intencionalidades das docentes. Como resultados, as autoras apontam que os livros didáticos utilizados pelas professoras não promovem um debate profundo acerca da EF, limitando-se em problemas matemáticos relacionados a compras. Entretanto, evidenciam o esforço das educadoras em propor atividades que abordem questões como sustentabilidade e consumo consciente. A partir desses levantamentos, as pesquisadoras destacam que a grande maioria dos estudantes participantes defendem a inclusão da Educação Financeira no currículo dos cursos de formação inicial de professores. As autoras defendem a necessidade da formação continuada sobre o tema para os docentes dos anos iniciais para favorecer sua abordagem crítica e reflexiva em sala de aula, buscando ir além do material didático adotado pela escola.

Os resultados dessa pesquisa são relevantes para a nossa investigação em questão, pois evidenciam, em consonância com Freire (1996), que a formação docente deve ser contínua, profunda, dialógica e dialética. Os dados ressaltam a necessidade de formar futuros professores não apenas na formação inicial, mas também ao longo de sua carreira, por meio de processos formativos contínuos.

Essa formação é essencial para a integração da EF de maneira crítica e transversal no currículo escolar, visando à formação de cidadãos autônomos e preparados para enfrentar desafios financeiros e sociais.

Outro estudo que trata dos anos iniciais do Ensino Fundamental é o de Faria e Freitas (2021) que apresenta um recorte de uma dissertação de mestrado e se concentra em uma proposta didática voltada para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública federal. O estudo visa compreender como estudantes lidam com temas relacionados ao consumo, aquisições e decisões financeiras, mediante experiências pessoais, vivências e ensinamentos familiares. Após os dados dos estudantes serem coletados por um questionário, os diálogos relacionavam “necessidade e desejo”, “felicidade e riqueza” e “lista de desejos”.

A pesquisa adotou um questionário impresso como instrumento de coleta de dados, aplicado a uma turma composta por 26 estudantes. Uma das autoras foi a responsável por lecionar o conteúdo de Matemática, de modo a integrar os conceitos financeiros no contexto das aulas de matemática. O objetivo foi investigar as possibilidades de reflexões críticas no contexto financeiro, considerando a realidade dos estudantes e as dinâmicas dos encontros em sala de aula. As perguntas contidas no questionário abordaram temas como a existência de diálogos familiares sobre finanças, hábitos de poupança e a compreensão dos estudantes sobre a relevância da Educação Financeira Escolar. Os resultados indicaram que muitos estudantes possuem contato com questões financeiras no ambiente familiar, havendo diálogos sobre finanças, economizar e fazer escolhas cuidadosas. No entanto, alguns relataram não ter conhecimento pleno sobre os hábitos de consumo e poupança de suas famílias. Além disso, em relação a discutir sobre EF na escola, enquanto metade dos participantes considerou o tema relevante, outros demonstraram desinteresse, o que, segundo as autoras, pode ser atribuído à ausência de diálogos sobre o assunto com suas famílias e em outros contextos.

Foram feitas discussões sobre a relação entre dinheiro e felicidade, sobre desejos de compra e sobre gerência financeira. É importante ressaltar que a mediação da professora foi fundamental para estimular essas reflexões, uma vez que ela orientou os diálogos, provocou os estudantes a pensarem sobre aquisições supérfluas, questionando a diferença entre “necessidade e desejo” utilizando suas próprias experiências cotidianas como ponto de partida para a discussão.

Destacamos que os resultados dessa pesquisa são relevantes para a nossa investigação, uma vez que indicam que é possível promover a reflexão crítica sobre esses temas já nos primeiros anos da escolarização, proporcionando reflexão e diálogo aos estudantes e ao docente acerca da EF, não a limitando a conteúdos técnicos, mas sim conectando o aprendizado escolar às suas realidades.

Silva, Pessoa e Carvalho (2021) realizaram um estudo em uma escola pública de Garanhuns/PE, focando na aula de uma professora do 2º ano do Ensino Fundamental formada em Pedagogia com experiência de mais de cinco anos e estabilidade profissional. Nesse contexto, a docente recebeu uma atividade de livro didático que apresentava um menor potencial para estimular a criação de cenários investigativos em sala de aula. Além disso, de forma intencional, ela não teve acesso ao manual do professor, o que possibilitou conduzir a atividade utilizando suas próprias estratégias e experiências prévias.

A professora estruturou a atividade em dois momentos distintos: no primeiro dia, conduziu uma visita ao supermercado com os alunos; no segundo dia, deu continuidade a aula utilizando o material previamente entregue. Ao todo, 24 estudantes, com idades variando entre seis e oito anos, participaram da atividade. A professora levou a turma a um supermercado. Neste ambiente, os estudantes foram incentivados a observar e registrar preços, comparar valores e compreender as operações básicas, como adição e subtração, no contexto de compras. A professora estimulou o uso da balança para pesar os produtos e questionou sobre diferentes fatores que influenciam a decisão de compra, como preço, validade e marca. Ao retornarem à sala de aula, a professora reforçou a importância da comparação de preços e da tomada de decisão no momento da compra, um conceito essencial dentro da EF. Além disso, durante a discussão, guiou os estudantes na reflexão sobre consumo responsável, destacando práticas que minimizam desperdícios e impactos ambientais e enfatizando a necessidade de adquirir produtos essenciais para evitar o acúmulo de lixo.

Embora a professora tenha fomentado reflexões e diálogos, os autores destacam que a rigidez no cumprimento do planejamento levou à perda de oportunidades para um debate mais crítico. Questionamentos espontâneos levantados pelos alunos, que poderiam ampliar o cenário investigativo, não foram explorados, limitando o aprofundamento das discussões.

Essa investigação possui relevância para o nosso estudo, pois reforça a importância da mediação docente na produção de uma Educação Financeira crítica e transversal, capaz de estimular os alunos desde os anos iniciais. Além disso, evidencia que a articulação entre o ensino e a realidade dos estudantes potencializa essa construção de forma mais crítica e reflexiva acerca das práticas do consumo. O estudo dialoga com a proposta desta pesquisa que defende o papel do professor como mediador ativo na construção de uma abordagem pedagógica que integre a EF ao dia a dia dos alunos, promovendo uma formação cidadã mais crítica e responsável.

Em uma pesquisa desenvolvida por Santos, Assis, Montenegro e Pessoa(2020), foram investigadas as reflexões de uma turma do 4º ano com 26 alunos do Ensino Fundamental de uma escola privada de classe média/alta em Recife-PE, com o objetivo de compreender como crianças dos anos iniciais refletem sobre temáticas relacionadas à EF. Baseando-se em teóricos como Skovsmose e Bauman, as autoras elaboraram atividades que articulavam em temas focados no consumo da sociedade contemporânea e o papel social da matemática.

O teste realizado possuía doze situações que propunham aos estudantes a avaliar o preço de produtos, justificar escolhas de compras entre itens com diferentes características e valores, além de refletir sobre o uso de cartão de crédito, a partir de uma tirinha. Os resultados demonstraram que, mesmo sendo um trabalho sistemático de EFE, as crianças participantes foram capazes de desenvolver reflexões significativas sobre temas como consumo consciente, influência da mídia, poupança, valor do dinheiro, sustentabilidade e uso de cartão de crédito. As respostas revelaram não apenas conhecimento prático adquirido no cotidiano, mas também sinais de senso crítico em relação às práticas de consumo.

Vale ressaltar que os resultados podem estar relacionados ao contexto socioeconômico dos estudantes, o que levanta a necessidade de se considerar as limitações desse recorte. No entanto, a relevância dessa pesquisa se mantém justamente por evidenciar o potencial de práticas pedagógicas contextualizadas, ainda que em um ambiente favorecido. O estudo contribui ao demonstrar que atividades baseadas em uma abordagem crítica, despertam reflexões relevantes entre os estudantes. Para o presente trabalho, essa pesquisa serve como um indicativo de que a intencionalidade pedagógica e o olhar crítico sobre os temas

financeiros, independente do contexto escolar, podem favorecer a formação de sujeitos mais conscientes e críticos diante da realidade econômica que vivem.

3. Metodologia

Este estudo utilizou entrevistas semiestruturadas e análise de documentos (roteiros de aula) com professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental como instrumentos de coleta de dados. Buscou-se entender compreensões de docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental acerca da Educação Financeira Escolar Crítica e se promovem a abordagem do tema em sala de aula. Os objetivos específicos desse estudo foram: compreender como docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental concebem a Educação Financeira e sua importância no processo educativo; Identificar as práticas pedagógicas utilizadas por professores para integrar a Educação Financeira no currículo de maneira interdisciplinar; Investigar como os roteiros de aula produzidos expressam potencialidades para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia financeira dos estudantes.

A pesquisa foi realizada com seis professoras de uma escola pública do município do Paulista, em Pernambuco, atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental. As docentes foram selecionadas considerando sua disponibilidade em participar do estudo. Participaram da pesquisa professoras de diferentes anos escolares (1º ao 5º ano) visando ampliar o panorama sobre a integração da EF ao longo dos primeiros anos do ensino fundamental.

Para a coleta e produção de dados, foi conduzida individualmente uma entrevista semiestruturada, que pode ser observada no Quadro 1, a seguir, baseada em um roteiro que incluía perguntas sobre a compreensão do professor acerca da relevância da EF nos anos iniciais, como a EF deve ser trabalhada em diferentes áreas do conhecimento, além das suas experiências prévias sobre o tema.

Quadro 1. Roteiro de entrevista feita com as professoras participantes do estudo

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. O que você entende por Educação Financeira?2. E o que seria Educação Financeira Escolar Crítica?3. Na sua formação (inicial e/ou continuada) você já teve aula sobre Educação Financeira? |
|--|

- 4- Você enxerga possibilidades para a presença da Educação Financeira em áreas além da Matemática?"
5. Qual tem sido o lugar da Educação Financeira na organização do trabalho pedagógico da sua escola?
6. Você já trabalhou temas relacionados à Educação Financeira em sua prática docente? Se sim, como foi essa experiência?
7. Como você percebe a implementação da Educação Financeira Crítica e reflexiva nas escolas? Que aspectos influenciam esse processo?
8. Que reflexões você tem sobre a presença da Educação Financeira no contexto escolar?
9. O que você pensa sobre a inserção da Educação Financeira na escola?

Fonte: as autoras

Além disso, cada docente foi convidada a elaborar um roteiro de aula que contemplasse a EF como fio condutor em uma abordagem interdisciplinar. Para isso, em concordância com os participantes, foi estabelecido um prazo para a entrega. Entretanto, das seis professoras, apenas três enviaram os respectivos roteiros de aula. O número reduzido de roteiros enviados foi um dado relevante para a análise, pois indicou que ainda existem obstáculos para transformar a proposta da EF crítica em prática pedagógica. Fatores como falta de tempo, insegurança com o tema ou ausência de experiências formativas podem ter influenciado esse resultado. Além disso, a sobrecarga de trabalho habitual dos professores, que frequentemente atuam em mais de um turno, compromete sua disponibilidade, indicando que, embora haja interesse, ainda há dificuldades para a implementação efetiva da proposta no cotidiano escolar.

As respostas das professoras nas entrevistas semiestruturadas foram analisadas considerando os desafios e estratégias para a implementação da EF em uma abordagem transversal. Ademais, por meio dos roteiros de aula, também foi analisada a compreensão das docentes acerca do que seja o ensino da EF na prática. Mais do que apenas perguntar o que entendem por EF, a elaboração dos roteiros permitiu observar como elas propõem a integração do tema de forma interdisciplinar.

4. Análise e discussão dos dados

A exposição dos resultados obtidos por meio das entrevistas foi organizada em quatro categorias temáticas, elaboradas com base nos objetivos do estudo e nas perguntas norteadoras que compuseram o roteiro direcionado às docentes participantes. Essa organização permitiu analisar diferentes dimensões do trabalho com a EF nos anos iniciais do Ensino Fundamental, destacando compreensões, experiências e práticas pedagógicas com uma perspectiva crítica.

Para facilitar a leitura e compreensão, as docentes foram identificadas numericamente, conforme a ordem das entrevistas, garantindo o anonimato e a clareza na exposição dos dados. Assim, ao longo das análises, as professoras serão referidas como “Professora 1”, “Professora 2”, e assim sucessivamente.

As categorias foram definidas a partir da recorrência de temas presentes nas respostas participantes e sua relevância para o foco da investigação, construídas exclusivamente a partir das entrevistas semiestruturadas, enquanto a análise dos roteiros, que também compõem os dados da pesquisa, será discutida em seção posterior. Com isso, foi possível articular entre os discursos docentes e os objetivos da pesquisa. Os dados foram interpretados buscando compreender tanto os limites quanto as potencialidades da EF no cotidiano das escolas, especialmente no que se refere ao seu papel na formação dos estudantes.

4.1. Categorias de análise 4.1.1. Compreensões docentes sobre Educação Financeira: aspectos gerais e críticos

É fundamental analisar as compreensões docentes acerca da Educação Financeira para entender como esse tema tem sido inserido no cotidiano escolar e, especificamente, em sua vertente crítica. Conforme discutido anteriormente, o currículo é permeado por interesses e ideologias (Sáristan, 2013), sendo assim, como os docentes compreendem influencia a efetivação do tema em sala de aula.

As análises foram construídas com base nas respostas às perguntas 1, 2, 8 e 9 do roteiro de entrevista, que abordam diretamente as compreensões iniciais das participantes sobre a EFEC. É importante destacar que essa categoria se distingue da 4.4, a qual tem como foco investigar os desafios para a implementação da EFEC nas escolas, esta análise concentra-se nas compreensões que orientam as práticas docentes.

As falas das professoras indicam uma diversidade de compreensões sobre a EF. A Professora 2, responsável por turmas do 2º ano do Ensino Fundamental, apresenta uma visão prática e cotidiana da EF, ao afirmar que, embora nunca tenha pensado na perspectiva crítica, entende que o importante é ajudar os alunos a discutir para que serve o dinheiro, ensinando-os a planejar e não gastar tudo de uma vez. A Professora, 3 que atua com turmas do 5º ano, destaca que as crianças têm consciência das diferenças financeiras entre elas, como também noções sobre o valor das coisas, o que evidencia a importância de considerar o repertório social e econômico dos próprios estudantes como ponto de partida para uma abordagem significativa da EF na escola. A Professora 5, que leciona para o 3º ano, reforça a necessidade de se iniciar a EF desde cedo ao afirmar que “tem que começar o trabalho desde cedo, para que no futuro entendam o papel deles na sociedade e como implementar a Educação Financeira na vida deles.” A Professora 6, que atua com o 1º ano do Ensino Fundamental, por sua vez, comprehende a EF como um processo de ajudar as crianças a desenvolverem consciência sobre os limites financeiros e sobre a sua realidade econômica.

De modo geral, suas respostas evidenciam a intencionalidade de tornar o ensino significativo, reconhecendo a importância de estimular nos alunos uma reflexão crítica sobre o uso do dinheiro. No entanto, algumas docentes enfatizam uma abordagem mais prática, centrada no cotidiano dos estudantes, sem a articular a uma compreensão mais ampla e criticamente aprofundada.

Essa diversidade de compreensões indica que a efetivação da EF, sobretudo em sua dimensão crítica, ainda depende de condições que favoreçam uma formação docente mais aprofundada e a construção coletiva de propostas pedagógicas que articulem transversalmente teoria e prática. Como ressalta Saviani (2007, p. 75), “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.” Nessa perspectiva, a ausência de uma intencionalidade claramente orientada à formação crítica limita o alcance social e educativo da EF no espaço escolar. Assim, compreender essas diferentes perspectivas é fundamental para pensar estratégias que ampliem a implementação da EFEC, contribuindo para a formação integral dos alunos.

Nesse sentido, a categoria a seguir aprofunda a discussão sobre as experiências formativas das docentes e os fatores que influenciam a consolidação de uma abordagem crítica da EF no cotidiano escolar.

4.1.2. Formação docente e influências na prática

A construção dessa categoria se baseou nas perguntas 3 e 7 do roteiro de entrevistas, que abordaram diretamente a presença da EF na formação inicial e continuada das docentes, bem como os fatores que influenciam sua implementação crítica e reflexiva no contexto escolar.

A análise das entrevistas revela uma lacuna significativa na formação inicial e continuada das docentes no que diz respeito à Educação Financeira. As professoras relataram que nunca tiveram disciplinas voltadas a essa temática durante a graduação e as poucas formações continuadas recebidas ao longo da carreira foram esporádicas, pontuais e, muitas vezes, promovidas por instituições externas, sem aprofundamento teórico ou articulação com a prática docente. Essa realidade evidencia a dificuldade em articular os diferentes saberes docentes, científicos, profissionais e pessoais, que segundo Tardif (2014), são fundamentais para o desenvolvimento de uma prática pedagógica crítica e reflexiva.

A fala da Professora 2 ilustra essa realidade, ao afirmar que “a rede não dá formação com foco na Educação Financeira. Tem formações de Matemática, mas não com foco nisso” (Entrevista, 2025). Esse depoimento evidencia como as formações continuadas ofertadas pela rede ainda desconsideram a abordagem transversal, crítica e reflexiva proposta para a EF, limitando-se a práticas de caráter conteudista e técnico, que ignoram a dimensão formativa, social e reflexiva no processo educativo.

Reforçando esse ponto de vista, a Professora 1, que leciona para turmas do 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, ressalta que a EF crítica vai além do ensino tradicional, envolvendo a reflexão sobre o valor social do dinheiro e as consequências das decisões financeiras. Entretanto, ela observa que, na prática, essa temática é frequentemente abordada apenas por meio de parcerias externas, como a de uma instituição externa que promove ações pontuais na escola, como distribuição de cartilhas e apresentações teatrais. No entanto, ela aponta que esses materiais incluem, implicitamente, propaganda para contratação de empréstimos

pessoais da instituição financeira parceira. Segundo a professora, essa prática é contraditória a uma educação financeira crítica, pois, em vez de promover a autonomia e responsabilidade financeira, pode induzir alunos e familiares ao endividamento.

Tal situação ilustra uma problemática crítica: a presença de instituições privadas, especialmente financeiras, no ambiente escolar público, sob a fachada de iniciativas educativas, pode comprometer a finalidade emancipatória da EF, reforçando lógicas de mercado e consumo exacerbado.

Dentre as entrevistadas, apenas a Professora 4, que leciona para turmas do 4º anos do Ensino Fundamental e atua como contratada temporária, relatou de forma positiva a existência de formações continuadas oferecidas pela rede voltadas à EF, afirmando que “está tudo caminhando” e que já há iniciativas formativas nesse campo (Entrevista, 2025). Essa fala destoa dos demais depoimentos, sobretudo considerando que todas as outras participantes são efetivas e pertencem à mesma rede municipal. Essa divergência pode ter influenciado como ela escolheu se posicionar, levando em consideração o seu vínculo contratual temporário, podendo indicar receio em expor críticas à gestão ou a ausência de formações mais efetivas.

Portanto, o desafio central reside na necessidade de fortalecer a formação docente para garantir uma abordagem crítica e integrada da EF no cotidiano escolar. A falta de aprofundamento teórico e de propostas articuladas à prática limita a abordagem transversal e emancipatória do tema na escola. Atrelado a isso, a presença de instituições privadas com interesses mercadológicos, que, sob o pretexto de educar financeiramente, reforçam o consumismo.

Nesse cenário, torna-se imprescindível compreender como as limitações formativas repercutem nas práticas pedagógicas cotidianas, influenciando diretamente a forma como a EFEC é (ou não) incorporada ao trabalho docente. Assim, reforça-se a necessidade de uma formação continuada permanente, contextualizada e integrada, capaz de articular os múltiplos saberes do professor (Tardif, 2014) e promover sua atuação crítica

4.1.3 Práticas pedagógicas e experiências em sala

A presente categoria foi elaborada a partir da análise das respostas às questões 4, 5 e 6, que buscaram identificar se e como as professoras participantes

desenvolvem, mesmo que incipientemente, práticas relacionadas à EF no cotidiano escolar. As respostas revelaram diferentes níveis de compreensão do tema, evidenciando tanto o potencial do tema quanto os desafios para sua efetivação no âmbito das escolas públicas.

A Professora 1 se destaca por desenvolver uma prática que mais se aproxima da Educação Financeira Escolar Crítica (EFEC), ao propor uma atividade de caráter interdisciplinar e transversal envolvendo estatística, leitura de rótulos e análise de hábitos alimentares, dimensões que vão além do campo da Matemática para dialogar com a realidade dos estudantes. Ao utilizar um aplicativo digital para avaliar a qualidade nutricional dos alimentos consumidos pelas famílias, a professora provocou reflexões críticas sobre o consumo e suas implicações sociais e econômicas. A docente mencionou que um dos episódios mais marcantes dessa prática foi o relato de uma aluna que levou um tablet à casa da patroa da sua mãe, empregada doméstica, e percebeu diferenças significativas tanto nos preços quanto na qualidade dos alimentos, concluindo que “ser saudável não é barato” e compartilhou essa reflexão em sala de aula. Essa fala espontânea evidencia a construção de uma consciência crítica sobre consumo e desigualdade social.

Os dados aqui analisados reafirmam a perspectiva teórica de Santos (2023), previamente apresentada, que entende a EFEC como um processo formativo contínuo e contextualizado, voltado para a construção da consciência crítica dos estudantes acerca das práticas de consumo em contextos sociais permeados por desigualdades.

Vale ressaltar que essa docente é doutoranda em Educação Matemática, o que pode justificar a maior aproximação de sua prática com os fundamentos da EFEC. Sua trajetória formativa favorece um olhar interdisciplinar, crítico e sensível em sua atuação pedagógica, contrastando com as demais participantes, cujas práticas e compreensões acerca do tema ainda estão em processo de construção, evidenciando a ausência de aprofundamento específico sobre o tema. A experiência relatada demonstra que a transversalidade, quando guiada por intencionalidade pedagógica crítica, é um caminho potente para integrar a EFEC ao currículo escolar de maneira crítica e significativa.

Essa diferença, no entanto, não deve ser interpretada como justificativa para a limitada apropriação das demais professoras, mas sim um indicativo de necessidade de investimentos em sua formação continuada e implementação de

políticas de apoio que promovam a ampliação do conhecimento e do desenvolvimento da prática docente no âmbito da EFEC.

Já a prática da Professora 2 exemplifica uma abordagem mais tradicional e limitada, com foco em atividades operacionais. Sua proposta envolveu levar a uma padaria próxima para observar preços e calcular troco. Apesar de utilizar elementos do cotidiano, a atividade permaneceu centrada na aplicação das quatro operações básicas, sem evidências de elementos-chave da EFEC, como a problematização de acesso a bens de consumo, o valor social do dinheiro ou as desigualdades que atravessam as práticas financeiras. Além disso, a própria docente afirmou nunca ter refletido sobre a EF para além da matemática, demonstrando uma compreensão restrita do tema e desconectada dos pressupostos de transversalidade e criticidade presentes na BNCC.

A prática relatada pela Professora 6, baseada na criação de uma moeda fictícia acumulada de acordo com o desempenho e comportamento dos alunos, evidencia uma proposta pedagógica potencialmente lúdica. No entanto, a atividade se restringiu à reprodução simbólica de troca e recompensa, sem evidências de articulação com a EFEC. Ao final do processo, os estudantes utilizaram o valor simbólico acumulado para “comprar” produtos em uma feira organizada pela professora, vivenciando de forma concreta noções básicas de troca, valor e planejamento. No entanto, a professora não relatou intencionalidade crítica, limitada à valorização do comportamento e do desempenho dos alunos, sem considerar aspectos sociais, econômicos e reflexivos.

De modo geral, as práticas analisadas demonstram que, embora existam iniciativas pontuais com potencial para promover uma EFEC, sua efetivação ainda depende de uma maior intencionalidade pedagógica, apoio institucional estruturado e formação continuada. A construção de uma abordagem crítica e transversal não ocorre de forma espontânea, exigindo políticas públicas que incentivem a integração da EFEC aos projetos pedagógicos e às práticas docentes cotidianas.

4.1.4 Sentidos atribuídos à Educação Financeira Escolar Crítica e sua implementação

Nesta categoria, investigaram-se os sentidos atribuídos pelas docentes à vertente crítica da EF e os aspectos que influenciaram sua implementação nas escolas, a partir das respostas às perguntas 2 e 7 do roteiro de entrevista. Diferentemente da análise das compreensões gerais sobre a EF na categoria 4.1, aqui o foco está na perspectiva crítica da EF e nas condições que impactam sua concretização no contexto escolar.

As falas das docentes evidenciam tanto o potencial transformador dessa abordagem quanto os desafios enfrentados em sua efetivação cotidiana. Entre as respostas, destaca-se a compreensão da Professora 1, que entende a EF crítica para além do ensino tradicional de finanças pessoais, incluindo a reflexão sobre o valor social do dinheiro, as consequências das escolhas financeiras e os contextos socioeconômicos que influenciam os alunos. Ela afirma assim:

“A educação financeira crítica [...] leva a gente a trazer esse uso social desse dinheiro, dessa reflexão do dinheiro, desse valor, do que ele representa [...] também do que a gente pode realizar, seja um sonho, seja um desejo, e planejar esse uso de uma maneira crítica [...] por que eu devo apostar? Será que só eu estou ganhando? Quem mais ganha? Por que esse comportamento não pensado, não planejado pode ocasionar a minha vida?” (Entrevista com Professora 1, 2025)

Com base nesse entendimento, a docente ressalta a importância do olhar do professor, do significado que este atribui ao tema e da experiência prévia que possui, destacando a necessidade de uma atuação mais efetiva e estruturada da rede de ensino para apoiar esse processo. Tal cenário é comprehensível, considerando que a EFEC é um tema relativamente novo tanto para os docentes quanto para a própria rede de ensino, o que contribui para a escassez de formações sistematizadas e a indefinição de diretrizes sobre o tema.

De modo semelhante, as Professoras 3 e 5, reconhecem que, quando bem estruturada, desde os anos iniciais, a EFEC contribui para que os alunos compreendam seu papel na sociedade e aprendam a utilizar os conhecimentos financeiros de forma consciente e responsável.

Complementando esse panorama, a Professora 2, por sua vez, reconhece que a implementação do tema nas escolas ainda é muito incipiente e, muitas vezes, depende da iniciativa e engajamento individual de alguns professores que comprehendem a importância da EFEC. Essa dependência evidencia uma fragilidade que limita o alcance da temática, tornando sua implementação desigual e sujeita à disponibilidade e ao empenho isolado do docente. Consequentemente, os

estudantes acabam por vivenciar experiências distintas, o que pode comprometer a construção coletiva de um pensamento crítico sobre finanças e cidadania.

Além das limitações estruturais apontadas, algumas professoras também ressaltam a necessidade de transformar a dinâmica pedagógica, promovendo o protagonismo discente para que a EFEC seja vivenciada efetivamente. Nesse sentido, a Professora 4, que leciona para turmas do 4º anos do Ensino Fundamental, enfatiza que a EF crítica deve ir além da mera transmissão de conteúdo, incentivando os estudantes a trazer suas ideias, opiniões e questionar os temas trabalhados, evitando que permaneçam como receptores passivos da informação. No entanto, essa perspectiva ainda não está consolidada nas escolas. A EFEC é frequentemente percebida como uma abordagem vaga e pouco sistematizada, dependendo fortemente da iniciativa individual, conforme observa a Professora 6: “A gente praticamente não vê falar sobre isso e não tem tanta abertura para trabalhar. É mais de acordo com o que cada professor decide fazer” (Entrevista, 2025). Essa dependência do esforço isolado de alguns docentes revela uma fragilidade institucional que dificulta a construção coletiva de uma prática crítica e consistente.

Esse cenário, marcado pela ausência de diretrizes institucionais, contrasta com a perspectiva de Hooks (1994), que defende uma educação engajada que vai além da mera transmissão de conteúdos, promovendo um espaço de diálogo, inclusão, respeito às experiências dos estudantes, componentes essenciais para a efetivação de práticas pedagógicas críticas e transformadoras.

Observa-se, ainda, um reconhecimento por parte das entrevistadas, de que a EFEC tem o potencial de contribuir significativamente com o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos. Dessa forma, os sentidos atribuídos pelas docentes à Educação Financeira Escolar Crítica revelam uma compreensão que ultrapassa a lógica tecnicista de controle e organização financeira pessoal, aproximando-se de uma proposta mais formativa voltada à construção da autonomia e do pensamento crítico. Ao defenderem a importância de iniciar esse trabalho desde os anos iniciais, as professoras indicam que a EFEC pode favorecer a compreensão do papel social dos estudantes, contribuindo para serem capazes de tomar decisões mais conscientes.

Apesar das limitações impostas pela ausência de políticas formativas e orientações curriculares mais sistematizadas, as falas das docentes evidenciam o

potencial da EFEC como ferramenta pedagógica para formar sujeitos críticos e socialmente comprometidos.

4.2 A Educação Financeira na prática pedagógica: análise dos roteiros de aula

Para além de investigar as compreensões docentes acerca da EFEC, a análise dos roteiros de aula visou identificar de que forma as participantes planejaram sua integração ao currículo, a partir de uma abordagem transversal. Embora os roteiros de aula não tenham sido aplicados, foram elaborados como exercício reflexivo proposto pela pesquisa. Ressalta-se que a aplicação prática desses planejamentos constitui uma possibilidade para futuras investigações, ampliando a compreensão sobre os impactos da EFEC, na prática docente.

Das seis professoras entrevistadas, apenas três (identificadas como Professora 1, Professora 2 e Professora 3) enviaram os roteiros de aula. A análise concentra-se nessas três propostas, para identificar se e como os elementos de transversalidade, interdisciplinaridade, criticidade, vínculo com a realidade de estudantes e intencionalidade educativa presentes foram considerados em cada planejamento.

4.2.1 Análise do Roteiro de Aula da Professora 1

A Professora 1 elaborou um roteiro de aula destinado a turmas do 5º ano do Ensino Fundamental com duração prevista de duas aulas de 50 minutos. O tema central, “Educação Financeira e o Consumo Infantil”, foi desenvolvido por meio de um planejamento que buscava promover reflexões sobre a distinção entre desejos e necessidades, a influência das propagandas no comportamento do consumidor e o incentivo ao planejamento financeiro consciente.

A proposta de sequência didática iniciava-se com uma roda de conversa que buscava estimular os estudantes a identificarem situações de consumo motivados por influência da mídia. Em seguida, a professora propunha a leitura de tirinhas ou textos que abordavam o consumo exagerado, seguida de um debate que objetivava instigar o pensamento crítico acerca do tema. Posteriormente, seria proposta a

análise de propagandas voltadas ao público infantil, resultando na produção de um texto de opinião, no qual os alunos eram convidados a refletirem sobre suas experiências pessoais relacionadas ao consumo influenciado pela mídia.

Na segunda aula, os estudantes seriam desafiados com uma situação-problema envolvendo o uso de uma mesada fictícia de R\$ 40,00, na qual fariam escolhas baseados em tabelas de itens com seus respectivos valores. Os alunos seriam divididos em grupos e deveriam elaborar um plano de compras dentro do orçamento, distinguindo entre itens desejados e itens necessários, discutiriam as estratégias de poupança e justificariam suas decisões. A aula seria finalizada com a socialização dos planejamentos e um debate reflexivo sobre os fatores que influenciaram o consumo e a função do planejamento financeiro na tomada de decisões conscientes.

O roteiro demonstra a articulação entre diferentes componentes curriculares, reforçando a transversalidade da Educação Financeira. As atividades estimulam os estudantes a desenvolverem um olhar crítico sobre o consumo, sobretudo a questionarem as mensagens publicitárias, por meio de debates, produções textuais e análises. Essa abordagem pode favorecer a formação de sujeitos mais conscientes e reflexivos diante das influências das mídias.

Destaca-se, ainda, o vínculo com a realidade dos alunos, uma vez que o roteiro se baseia em experiências e contextos que podem se aproximar da realidade das crianças, como o uso da mesada e a exposição frequente a propagandas. Essa conexão torna o aprendizado mais significativo e potencializa a compreensão crítica e reflexiva sobre o consumo e suas implicações.

A intencionalidade educativa da professora também é evidente na organização sequencial e progressiva das atividades: inicia-se com reflexões críticas sobre o consumo consciente, aprofunda-se na análise das estratégias da mídia e finaliza na elaboração de planejamentos financeiros pelos próprios estudantes. Esse percurso favorece o desenvolvimento da autonomia, da argumentação e da tomada de decisões responsáveis, reforçando o papel da escola na formação dos discentes..

Entretanto, apesar do caráter formativo e reflexivo da proposta, observa-se a ausência de um aprofundamento de dimensões sociais e políticas do consumo e do dinheiro. A inclusão desses aspectos seria importante para ampliar o potencial

crítico da abordagem, ao possibilitar a compreensão dos estudantes sobre as desigualdades estruturais que permeiam o consumo.

Por fim, a avaliação prevista privilegia aspectos qualitativos da participação e argumentação dos alunos, reforçando a intencionalidade de promover a reflexão crítica e a autonomia do consumo. A inclusão de possibilidades de expansão, como a produção de campanhas contra o consumo impulsivo, indica o interesse em promover um engajamento mais amplo e duradouro dos estudantes com a temática.

De modo geral, o roteiro apresenta uma base sólida para a abordagem transversal e contextualizada da EF, com potencial para desenvolver competências críticas nos alunos. Contudo, o fortalecimento do olhar sobre questões sociais e econômicas estruturais poderia enriquecer ainda mais a proposta.

4.2.2 Análise do Roteiro de Aula da Professora 2

Com uma proposta voltada para estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental, a professora elaborou um plano de atividade intitulado “*Aprendendo a gerenciar meu dinheiro*”, com duração prevista de duas aulas de 50 minutos. O objetivo principal era levar os alunos a compreenderem a importância do dinheiro e sua utilização responsável, distinguindo entre desejos e necessidades.

A proposta inicia-se com uma conversa sobre o que é o dinheiro e sua função, seguida da apresentação do sistema monetário brasileiro por meio de um cartaz ilustrativo com imagens de cédulas e moedas. Em seguida, previa-se uma roda de leitura de uma história intitulada “O sonho de Lúcia e o cofrinho mágico” criada pela professora com o auxílio de uma ferramenta de Inteligência Artificial. A narrativa trazia a história de uma criança chamada Lúcia que aprendia a poupar para realizar um sonho, refletindo sobre o consumo consciente. Durante a contação, a proposta incluía uma simulação de compra em sala de aula: as crianças receberiam cartelas com gravuras de itens desejados, e com dinheiro fictício, deveriam escolher o que realmente seria necessário adquirir.

Na segunda aula, o foco seria o debate sobre o uso do “dinheiro” da aula anterior, questionando se houve ou não sobra. Em seguida, a professora propunha atividades escritas, como a elaboração de listas de desejos e necessidades,

resolução de problemas matemáticos com dinheiro e a realização de uma pesquisa com os familiares sobre economia doméstica.

A proposta pedagógica evidencia a sensibilidade ao contexto e interesses dos estudantes, ao fundamentar-se em suas vivências, ao trabalhar a partir dos seus interesses e contexto de vida, atribuindo maior significado ao roteiro e favorecendo o entendimento prático do conteúdo. Além disso, articula elementos da EF de forma interdisciplinar, envolvendo conteúdos de diversas áreas do conhecimento.

Em relação à EFEC, trata-se de uma experiência didática com potencial formativo que se aproxima de uma proposta reflexiva sobre o consumo consciente e adota uma abordagem transversal. Contudo, identifica-se a ausência de aprofundamento crítico em temas como a desigualdade socioeconômica, que influencia nas escolhas, bem como a função social do dinheiro em relação ao acesso desigual a bens e serviços essenciais.

É importante contextualizar que, diante das limitações apontadas na formação inicial e continuada das professoras (conforme apontado anteriormente), a forma como a Professora 2 planejou o roteiro, centrado em conteúdos mais básicos e práticos, pode não refletir uma escolha individual, mas sim as condições estruturais e formativas restritivas que dificultam a implementação de uma abordagem mais crítica e integrada da EFEC. Nesse sentido, as formações continuadas assumem papel essencial ao fornecerem os recursos necessários para que os professores articulem transversalmente os conteúdos e desenvolvam práticas pedagógicas que abordem questões sociais e econômicas, contribuindo para uma formação integral dos estudantes, indo além da transmissão dos conteúdos técnicos.

4.2.3 Análise do Roteiro de Aula da Professora 3

O roteiro elaborado não explicita para qual turma ou faixa etária seria trabalhado, o que dificulta avaliar a adequação do conteúdo à etapa de ensino. O objetivo geral foi desenvolver noções básicas de Educação Financeira, promovendo o uso consciente do dinheiro e a construção de hábitos financeiros saudáveis. A duração prevista seria de 50 a 60 minutos, podendo ser dividida em duas aulas.

A proposta inicia-se com a perspectiva de despertar o interesse dos estudantes e contextualizar a importância do tema por meio de perguntas reflexivas sobre seus hábitos financeiros pessoais, seguido da exibição de um vídeo educativo sobre consumo consciente ou planejamento financeiro. Na sequência seriam apresentados conceitos básicos relacionados à Educação Financeira, como renda e despesas.

Posteriormente, os alunos participariam de uma atividade prática de preencher uma tabela de orçamento pessoal, utilizando suas próprias receitas (mesada e ajuda dos pais) e despesas (lanche e transporte), estimulando a reflexão sobre onde podem economizar. A aula finalizaria com um momento de debate e troca de experiências, no qual os estudantes seriam convidados a compartilhar suas impressões sobre o exercício e pensar em possíveis mudanças em seus hábitos financeiros. Para a consolidação da aprendizagem, a proposta final seria um dever de casa que consistiria em os alunos anotarem seus gastos durante uma semana.

Observa-se que a professora busca contextualizar o roteiro com a realidade dos estudantes através da atividade prática de planejamento pessoal, que utiliza dados reais dos estudantes para promover a reflexão, assim como a atividade para casa que incentiva a observação prática dos hábitos de consumo no cotidiano. Essa aproximação contribui para tornar o conteúdo mais significativo e relevante para os estudantes. Além disso, a utilização de recursos variados, como vídeos e tabelas, demonstra a preocupação em diversificar estratégias para atender diferentes estilos de aprendizagem. A inclusão da tarefa extraclasse também evidencia a intenção de prolongar o processo de aprendizagem para além da sala de aula, o que revela intencionalidade educativa.

Contudo, o planejamento não explicita uma articulação interdisciplinar, permanecendo centrada em conceitos da área de matemática. Ademais, faltam conexões com outras áreas do conhecimento, como ciências humanas, que poderiam ampliar o entendimento das dinâmicas sociais que envolvem o consumo, o trabalho e a renda. Também não se observa estratégias de articulação com temas transversais propostos pela BNCC, como cidadania, ética ou consumo responsável.

É importante pontuar que o roteiro estimula a reflexão individual e coletiva ao propor debates sobre hábitos financeiros e o exercício de análise pessoal do orçamento. No entanto, apresenta limitações no aprofundamento crítico, pois não aborda aspectos socioeconômicos mais amplos que influenciam o comportamento

financeiro, nem problematiza questões estruturais como desigualdade social e a pressão social para consumir. Assim, a criticidade permanece restrita à esfera individual, sem ampliar a discussão para dimensões sociais.

5. Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo analisar compreensões de docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental acerca da Educação Financeira Escolar Crítica (EFEC) e como promovem a abordagem do tema em sala de aula. Tal investigação se justifica diante da importância da EFEC como componente curricular, conforme preconizado pela BNCC, e da necessidade de compreender diferentes visões docentes e suas propostas de aplicação do tema na prática.

As análises revelaram uma diversidade de compreensões entre as professoras entrevistadas, que vão desde abordagens práticas e cotidianas, focadas no ensino de noções básicas e operacionais, até perspectivas que valorizam a dimensão crítica e social da Educação Financeira. No entanto, ficou evidente que a EFEC ainda enfrenta desafios significativos relacionados à formação docente, insuficiente e pouco sistematizada, além da limitada articulação interdisciplinar nos planejamentos apresentados. As práticas pedagógicas tendem a priorizar aspectos técnicos e individualizados, carecendo de uma problematização mais aprofundada das desigualdades sociais e das condições estruturais do consumo.

Conforme Sáristan (2013), o currículo não é neutro, mas reflete valores e ideologias que podem aproximar ou afastar os conteúdos da realidade dos estudantes. Assim, a incorporação da EF ao currículo reflete compreensões de mundo e intencionalidades pedagógicas que precisam ser continuamente problematizadas para que a escola cumpra seu papel de emancipatória e formadora de pessoas críticas.

O estudo contribui ao evidenciar a necessidade de formação inicial e continuada mais qualificada, que auxilie professores a desenvolverem práticas pedagógicas críticas, interdisciplinares e contextualizadas, que integrem a dimensão social, econômica e ética da EF. Além disso, a pesquisa aponta para a necessidade de alinhar o currículo à realidade dos estudantes, valorizando suas vivências e contextos socioeconômicos.

Entretanto, o estudo apresenta limitações importantes. A análise baseou-se em entrevistas e roteiros de aula elaborados, mas que não foram aplicados na prática, o que limita a compreensão sobre como a EFEC é efetivamente vivenciada em sala e seu impacto real no desenvolvimento dos estudantes.

Para pesquisas futuras, recomenda-se acompanhar a implementação prática dos planejamentos, avaliando os efeitos pedagógicos da EFEC no cotidiano escolar, bem como investigar como as políticas educacionais e as formações docentes influenciam na prática. Essa ampliação do campo investigativo permitirá uma compreensão mais aprofundada dos desafios e potencialidades da Educação Financeira Escolar Crítica.

Em síntese, a Educação Financeira Escolar Crítica configura-se como um campo promissor para a construção de uma educação comprometida com a justiça social e a cidadania, desde que suas práticas sejam orientadas por intencionalidade pedagógica crítica, embasamento teórico consistente e articulação transversal entre os saberes. O papel do professor, enquanto mediador, é fundamental para potencializar esse processo, em uma perspectiva alinhada à função social da escola.

6. Referências

ASSIS, A. M. R. B. de; SANTOS, L. T. B. dos; OLIVEIRA, A. dos A.; PESSOA, C. A. dos S. Reflexões sobre Educação Financeira escolar: o que é discutido em cursos de formação de professores dos anos iniciais e como ocorre na prática? *EM Teia – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana*, v. 12, n. 2, 2021.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Brasil: implementando a Estratégia Nacional de Educação Financeira. 28 abr. 2016. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/PORT/enef.asp?frame=1>. Acesso em: 5 ago. 2025.

BRASIL. Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 2010.

BRASIL. Decreto nº 10.393, de 9 de junho de 2020. Dispõe sobre a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira - FBEF. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 10 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018.

FARIA, W. P. S.; FREITAS, M. T. M. Vamos falar sobre finanças? Conhecendo diálogos e experiências sobre Educação Financeira Escolar Crítica no 5º ano do Ensino Fundamental. *EM Teia – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana*, v. 12, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2177-9309.2021.250460>. Acesso em: 5 ago. 2025.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. 288 p.

MELO, D. P. de; VIEIRA, G. da S.; AZEVEDO, S. S. de; PESSOA, C. A. dos S. Diálogos entre a educação financeira escolar e as diferentes áreas do conhecimento na BNCC do Ensino Fundamental. *EM Teia – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana*, v. 12, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2177-9309.2021.250447>. Acesso em: 5 ago. 2025.

RODRIGUES, M. U.; SILVA, J. M. N. da; RODRIGUES, R. S. da S. Estado da arte das dissertações e teses no Brasil sobre Educação Financeira e/ou Matemática Financeira no período de 2000 a 2020. *EM Teia – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana*, v. 12, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2177-9309.2021.250224>. Acesso em: 5 ago. 2025.

SACRISTÁN, J. *Saberes e incertezas sobre o currículo*. Tradução de Alexandre Salvaterra; revisão técnica de Miguel González Arroyo. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, L. T. B. dos. Como estudantes de 5º ano refletem sobre temáticas relacionadas à educação financeira escolar? Um olhar na perspectiva dos atos dialógicos. 2023. Tese (Doutorado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/53855/1/TESE%20La%c3%ads%20Thalita%20Bezerra%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2025.

SANTOS, L. T. B. dos; ASSIS, A. M. R. B. de; MONTENEGRO, J. A.; PESSOA, C. A. dos S. Estudantes dos anos iniciais refletindo sobre educação financeira. *Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*, v. 10, n. 3, p. 130–156, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37001/ripem.v10i3.2685>. Acesso em: 5 ago. 2025.

SANTOS, M. T. da S.; OLIVEIRA, M. C. S. de. Educação financeira nos anos iniciais do ensino fundamental: um estudo sobre competências e habilidades quanto ao uso do dinheiro. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 6, p. 2684–2700, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i6.14580>. Acesso em: 5 ago. 2025.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção Educação Contemporânea).

SILVA, A. D. P. da; PESSOA, C. A. dos S.; CARVALHO, L. M. T. L. de. “Tem que comprar a marca mais cara?”: cenários para investigação em aulas de Educação

Financeira. *EM Teia – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana*, v. 12, n. 2, 2021. Disponível em:
<https://doi.org/10.51359/2177-9309.2021.250458>. Acesso em: 5 ago. 2025.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed.
Petrópolis, RJ: Vozes, 2002